



EDITORIAL

Docência durante e após a
pandemia: narrativas do possível

Yngrid Lizandra Medeiros de Carvalho

(...) Escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas.

Theodor W. Adorno

Eu sei pode parecer um tanto exagerado tomar essa fala do filósofo Adorno neste espaço. Me perdoem todos e todas leitoras da Revista Cadernos de Estágio por isso. No entanto, assim como ele impactado pelas grandes e horrorosas atrocidades cometidas ao corpo e a memória humana durante a Segunda Guerra e, por isso, a sua dificuldade de imaginar arte no pós-guerra, senti ocorrer algo semelhante no período da pandemia. Mesmo com todas as ressalvas que a aproximação entre esses dois fatos precisam ter, é inegável que o que vimos, vivemos e sentimos nesses anos da Covid-19 foram também catastróficos. Não conseguia afirmar assertivamente como Adorno que a vida não seria mais a mesma depois desse momento de adversidade, mas cheguei a questionar muitas vezes se conseguiríamos voltar ao tão sonhado “normal” - Conseguiríamos levar a vida da mesma forma? Seria possível se encantar pelas mesmas coisas? Ver leveza na vida depois de tudo aquilo que estávamos enfrentando?

Enquanto professora que foi interrompida de iniciar sua docência devido a pandemia, as inquietações ganhavam ainda mais outras interrogações quando parava para refletir sobre o cenário educativo: Seria possível ensinar daqui para frente no formato que aprendi na licenciatura em 2019? Como será o retorno em sala de aula depois de dois anos de ensino remoto? O que perdemos ao longo desse caminho vivido no virtual? O que deu certo e poderá ser mantido? O que será preciso mudar diante as novas emergências e urgências do presente momento?

Os desafios encarados por professores e professoras durante a pandemia foram inúmeros. Lembramos bem. Enquanto aluna de pós-graduação no período da Covid-19, vi docentes se desdobrarem em mil para exercerem seus papéis e isso não possui nenhuma conotação romântica da profissão. Longe disso. Foi árduo e cansativo ser professor e professora nesse período. Mas não somente. As reinvenções orquestradas por homens e mulheres docentes nesse momento foram também de extrema relevância para se pensar e fazer docências durante e após a pandemia. Vimos profissionais se desafiando a navegar nas águas das tecnologias digitais, (re)descobrimos ferramentas e estratégias que auxiliavam o processo de ensino-aprendizagem, (re)fazemos relações e interações interpessoais nos novos formatos e espaços escolares, aprendemos a nos (re)conectar, agora também no mundo virtual. Assim como a vida e arte pós-guerra para Adorno não poderiam ser mais as mesmas de antes, a vida e a educação pós-pandemia também necessitaram de outros horizontes que fosse possível narrar, mas também confeccionar outras possibilidades de ser e fazer docente.

Compromissada em apresentar esses novos horizontes, esta nova edição da Revista *Cadernos de Estágio* se propõe a trazer para o diálogo educacional narrativas sobre o universo da docência experienciadas durante e após a pandemia. A partir de textos elaborados por professores e professoras, pesquisadores e pesquisadoras, como também estudantes de licenciatura, esta edição da Revista apresenta narrativas, experiências e estudos tecidos junto ao vivido com o contexto educativo. São criações que têm como cenário a imbricação desses profissionais com o chão da escola nas mais variadas formas, estratégias, cores, sabores, olhares e sentimentos ao exercer e pensar a docência. Trata-se do compromisso tomado nesta edição de anunciar narrativas do possível que a educação pós-pandemia proclama.

Publicados em diferentes formatos de textos, as reflexões encontradas nesta edição da Revista *Cadernos de Estágio* abrem diálogos com múltiplos atores, temáticas e metodologias que circundam o dia a dia de professores e professoras. Encontra-se materiais que se debruçam desde do papel dos coordenadores pedagógicos na formação continuada de professores até os relatos mais sensíveis e vividos da realidade de uma sala de aula de modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos). São materiais que nos inspiram, mas também convidam a pensar e confeccionar com base no diálogo e na coletividade possibilidades para a docência.

A edição está organizada em três grandes seções que acompanham os formatos de textos publicados: Artigos, poemas e relatos de experiência. Na primeira seção, encontra-se quatro artigos que versam o contexto da pandemia com temáticas sobre formação continuada, estágios curriculares, ensino remoto e os seus impactos nas trajetórias dos estudantes e as percepções sobre escolas públicas estaduais do município de Natal/RN. Na segunda seção está alocado o poema intitulado *A realidade na EJA* que traz de modo sensível e desvelado as vivências nessa modalidade. Por último, na seção de relatos de experiência, estão sistematizados seis textos produzidos a partir das vivências de estudantes e docentes ao se reabrir laboratórios de ciências em instituições escolares, as influências que demandas extraescolares acometem alunos e alunas, educação inclusiva, protagonismo dos discentes no ENEM e nos estágios supervisionados para professores e professoras em formação.

Em suma, trata-se de uma edição potente em sua essência, pois traz consigo o olhar e a experiência do vivido daqueles que fazem a educação, sejam docentes já em atuação ou ainda em formação. É o vivido, pensado e confeccionado junto e com o coletivo sendo capaz de apresentar e abrir espaço para narrativas do possível no ser e fazer docente.

Convidamos, assim, todos e todas a leitura desta edição para juntos e juntas pensarmos caminhos de uma docência pós-pandemia. Vamos dialogar?